

EM BICOS DE PÉS

Ana Maria Pereirinha

Hoje é sábado, vou trabalhar para a Feira do Livro e lembro-me de quando me punha em bicos de pés para o nariz conseguir ultrapassar a altura dos expositores. Já não há aquela porta irresistível e à nossa medida a meio das barraquinhas, mas ainda há muitos livros a descobrir...

Os meus livros com memória de descoberta, ao fio da infância:

► O livro de leitura com o desenho do bebé das amêndoas

Seria da mãe ou do tio e andava lá por casa; eu teria uns quatro anos e o desenho do bebé rosadinho e risonho, sentado e cercado de amêndoas coloridas era mistério a mais para a minha curiosidade – tenho mesmo que aprender a decifrar as letras à volta. Não quero perguntar a ninguém o que diz, quero descobrir por mim própria o que levou um bebé àquela estranha (e feliz!) situação.

► A Bola Amarela, Raquel Delgado

O livro azul-claro de capa dura, os desenhos simples, os poemas que ficaram para sempre na memória: «A Bola Amarela», «Pintas com Tintas», «O Chapéu de Praia», «A Gaivota»... O meu primeiro livro de poemas, oferecido, lido, relido, decorado. Depois deste, mais importante teve de ser o primeiro livro de poesia que comprei, aos 15 anos, aconselhada pela professora de francês mais fantástica do liceu: *O Livro de Cesário Verde*.

► A Fada Oriana, Sophia de Mello Breyner Andresen, ilustrações de Luís Noronha da Costa, edição da Ática

Sophia foi um deslumbre, descoberto através da Inês Lobo, amiga e colega de escola primária, que tinha uma biblioteca infundável. Foi ela que me ofereceu este livro, e com ele descobri mais do que apenas a história e a beleza – descobri a poesia que as pode ligar. E poesia era a imagem de um fio eléctrico e um interruptor numa parede caída a ilustrar o momento em que o poeta pede a Oriana que encante a noite: «E a noite ficou encantada.»

► Os Cinco Voltam à Ilha, Enid Blyton

A Enid Blyton, pois claro, desde o *Noddy* aos *Sete* e às *Quatro Torres*. Mas este livro dos *Cinco* em particular. Foi com ele que de repente me atingiu a descoberta de que alimentação não era necessariamente sinónimo de tortura. Ficou para sempre como o meu livro favorito dos *Cinco* e a partir dele as tardes preguiçosas de leitura no Verão passaram a ser acompanhadas de enormes caixas de batatas fritas às rodelas, feitas com amor pela

avó Palmira, e com a banda sonora de leitora-roedora a prolongar-se pelos nacos de chocolate preto «a la taza» enviados da fronteira galega pela avó Ana (era preciso parti-los à martelada antes de comer!) e pelas cenouras e maçãs ácidas, das riscadinhas, que sempre foram as favoritas das mulheres lá de casa.

► **Zora, a Ruiva, e o seu Bando**, Kurt Held

O meu objectivo era *O Castelo dos Fantasmas*, mas nessa Feira do Livro, o livro do dia no *stand* da Civilização impunha um dois-em-um: tive de comprar também *O Filho do Violinista...* Rapidamente percebi que tinha de começar pelo menos apetecível, porque era aí que a história começava. E que história! Não sabia em que país (na Croácia, sei hoje), mas começava dramática e destemida, com a morte da mãe do protagonista. Nada de pieguices. Com um bando de miúdos de rua num país próximo, porque cheio de sol, pescadores e frutos, aprendi os sentidos e o sentido da liberdade. Fiquei a saber, por exemplo, que para se ir de noite à chinchada aos damascos é melhor levar o faro apurado, porque é pelo cheiro que se sabe que eles lá estão – e maduros. Fiquei a saber da chacina e da faina da pesca do atum, das torres de vigia à espera dos cardumes, do mar transformado em sangue depois de feito o cerco. Aprendi a contar os trocos em dinares e a cantar a plenos pulmões a canção dos Uskokos (sim, a música é da minha lavra, ainda a sei de cor). Aprendi como uma rapariga destemida, sardenta e corajosa, de blusa verde desbotada pelas inúmeras lavagens, pode ser a líder incontestável de um grupo de rapazes e viver numa torre em ruínas, infestada de morcegos. Coisas importantes para a vida, enfim.

► **O Leão e a Feiticeira Branca**, C.S. Lewis

Livro do dia no *stand* da Guimarães Editores. A capa vermelha, clássica, perfeita para o meu gosto. O desenho em vinheta no centro da capa, com duas meninas a cavalgar um leão e dois faunos a observar, prometia maravilha. E cumpriu em toda a linha: li, reli e maravilhei-me com as aventuras dos quatro primos pelas terras de Nárnia e com o velho tio a apresentar como uma evidência a existência de mundos possíveis e a perguntar «Mas por que é que não ensinam Lógica a estas crianças?» Li-o muito antes de saber que pertencia a uma colecção e que havia outras aventuras passadas nesta mesma terra. Li-os todos, já adulta, mas foi este o verdadeiramente importante (depois veio a ser reeditado com outro título, mais próximo do original: *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*). Foi o meu ponto de partida para os Tolkiens e os Harry Potters, que nunca me envergonhei de ler em público (e, sim, é claro, com as capas das edições infantis!). Emprestei sempre este livro aos amigos que eu achava que mereciam. A certa altura, para proteger a capa, forrei-o de papel branco e escrevi por fora: «Um dos livros mais fantásticos que tu alguma vez leste, por C.S. Lewis.»

► **O verão do «Fruto Real»**

Muito antes da Coca-Cola, houve o Verão do «Fruto Real» em que, a meias com o meu irmão, bebemos litros de «Fruto Real» para descobrir, por detrás da rodelinha de cortiça da carica, se tínhamos ganho mais um livro da «Biblioteca Fruto Real»: *A Ilha do Tesouro*,

de Stevenson, *Huckleberry Finn*, de Twain, *Robinson Crusoe*, de Defoe, *Coração*, de Amicis... Sim, eram versões abreviadas, para a juventude... mas foi o Verão mais recheado de aventuras e o pontapé de saída para os Sandokans, os Tarzans, a aventura à solta.

► **Meu Pé de Laranja Lima**, José Mauro de Vasconcelos

Chorei e ri com o filme que passou na televisão e quis ler o livro a sério para saborear a história do Zezé, do seu amigo Portuga e do pé de laranja lima que era amigo e confidente deste miúdo de sensibilidade tão especial. Depois descobri que o José Mauro de Vasconcelos era mesmo amigo das árvores e apaixonei-me por *Rosinha*, *Minha Canoa*. Daqui a origem dos escritores brasileiros da minha adolescência: o Érico Veríssimo de *Olhai os Lírios do Campo* e, principalmente, de *Clarissa*; o Jorge Amado de tantos livros, mas principalmente de *Teresa Batista Cansada de Guerra*...

► **O Astérix, o Spirou e Fantásio, o Tintim, o Pato Donald, a Turma da Mônica, a Mafalda, a Luluzinha...**

Tudo começou com os números do *Cavaleiro Andante* que havia lá por casa: o Príncipe Valente e o Alix pareciam-me difíceis, mas o Mandrake, o Fantasma, o Tarzan, o Zorro faziam as minhas delícias. E as bandas desenhadas que vinham do Brasil, onde para além das histórias com personagens da Disney ou do Maurício se aprendia uma língua cheia de palavras divertidas e se desvendavam mistérios como o significado da palavra «bala» ou do famoso «leite Moça». Depois começaram a chegar os álbuns – ainda os associo a convalescenças: ter uma pilha de álbuns do Astérix ou do Spirou ao lado da cama fazia pelo menos tão bem como os comprimidos para me aprontar de novo para o mundo.

► **A Cidade e as Serras**, Eça de Queiroz

No ciclo preparatório leu-se um excerto de *A Cidade e as Serras* numa aula de Português... Dias depois fui-me ao mealheiro, atravessei a rua e entrei na «Barca», que tinha numa prateleira à direita onde já tinha bisbilhotado, alinhadas, as lombadas vermelhas e bejes (edição normal ou «de luxo») das misteriosas e sérias «Obras de Eça de Queirós». As peregrinações à «Barca» sucederam-se nos anos seguintes. O meu primeiro livro de autor português «para gente grande» e um amor para a vida. ■



Ana Maria Pereirinha nasceu em Lisboa, em 1965. Licenciada em Estudos Portugueses e mestrada em Literatura Portuguesa Contemporânea, com uma tese sobre Maria Gabriela Llansol, pela Universidade Nova de Lisboa. Fez teatro, trabalhou no Instituto Português do Livro e das Bibliotecas e trabalha em edição desde 1999. É actualmente editora da QuidNovi.